

Uma possível relação entre “finitude” e “cuidado de si” na obra de Michel Foucault

A possible link between "finitude" and "care of the self" in the work of Michel Foucault

Julia Naidin
Doutoranda em Filosofia UFRJ
Bolsista CAPES

Resumo: Uma pesquisa sobre a relação entre o conceito de “finitude” e o de “cuidado de si” na obra de Foucault, se propõe a pensar a relação entre duas grandes influências ao pensamento ético do autor: Kant e o mundo helênico. Trata-se de uma aproximação que nos fornece uma elucidação conceitual que permita compreendermos a ética que Foucault formula nos últimos anos de seu trabalho filosófico.

Palavras-chave: Michel Foucault; finitude; cuidado de si.

Abstract: A research on the relation between the concept of "finitude" and of the "care of the self" in Foucault's work, that proposes to examine the link between the two great influences in the ethical thinking of the author: Kant and the hellenistic world. It is an approach that provides us with a conceptual elucidation that allows us to understand Foucault's ethical formulation in the last years of his philosophical work.

Keywords: Michel Foucault; finitude; care of the self

O presente trabalho procura articular duas propostas anunciadas por Michel Foucault em momentos distintos de sua obra: a “Analítica da Finitude”, expressa nos capítulos finais do livro *As Palavras e as Coisas* (1966) e a ética do “cuidado de si”, conforme apresentada a partir do curso *Hermenêutica do Sujeito* (1981-1982),

constituindo todos os cursos seguintes e os últimos escritos sobre ética do autor, publicados na coletânea *Ditos e Escritos*.

Existem dois grandes pontos de manifestação explícita da importância de Kant à filosofia de Foucault, o primeiro, no extraordinário “*As palavras e as coisas*” e o segundo, na fase ética de Foucault, principalmente quando, em 1984, Foucault escreve um breve texto, com o mesmo nome do texto kantiano, publicado em 1784, “*O que é o Iluminismo?*”. Este é, assim, mais um elo entre os dois momentos que parecem, de algum modo, se comunicar, na obra do filósofo francês.

A hipótese que aqui se esboça é a de que desde o anúncio do fim do homem, na parte final d’*As palavras e as coisas*, através de Kant, Foucault nos apresenta a experiência da finitude como epicentro da emergência de uma nova ontologia do sujeito. Tal ontologia se confirma em seu maior esplendor quando entramos em contato com as pesquisas de Foucault nos últimos anos de sua vida, que trazem a noção de “cuidado de si” como grande chave para a elaboração de um novo homem. Neste contexto, a influência de Nietzsche e Heidegger são decisivas.

Em *As palavras e as coisas*, Foucault nos apresenta a célebre tese de que o homem é uma invenção recente com fim próximo. Esta ideia nada possui de niilista ou apocalíptica. Não é o homem, enquanto espécie, que estaria em vias de se desfazer. O que o autor nos indica é a eminência do fim de uma maneira específica pela qual o homem compreende sua própria experiência existencial, se define e se designa.

Diante do esgotamento dos paradigmas de reflexão sobre o estatuto do sujeito moderno, Foucault nos apresenta posicionamentos de absoluta relevância para um pensamento que não mais procura fundamento, essência, nem identidade, ao pensar o homem. O autor nos mostra, através de um intenso mapeamento histórico, um novo ângulo para pensarmos a subjetividade, num processo genealógico que possibilita, assim, uma ultrapassagem da oposição clássica entre sujeito individual e sociedade.

No curso “*Hermenêutica do sujeito*”, Foucault apresenta uma série aulas dedicadas à noção de “cuidado de si” – conjunto de práticas morais da antiguidade greco-romana orientadas para éticas e

estetizações da vida. Devido a multiplicidade que se apresenta em tal pesquisa, o que vemos dessas práticas não nos aparece como um sistema ou uma hierarquia a serem organizadas. Ao contrário, isso nos informa que, por mais que se trate de um conceito que possui uma ampla história e uma vasta multiplicidade, existe, como questão subjacente, a pergunta por qual filosofia do sujeito se supõe com a tematização das práticas de si. A noção de “cuidado de si” aparece como elemento central na cultura grega e como conceito fundamental para compreendermos uma nova concepção de subjetividade proposta por Foucault.

Ainda que a hipótese aqui apresentada não tenha sido formulada pelo próprio Foucault, ela se ampara pelo que foi dito e escrito por pelo filósofo ao longo dos últimos anos de sua vida. Proponho a elaboração uma articulação entre elementos e indicações que Foucault nos fornece ao longo de sua obra, e que nos permitem, sem contradições internas aparentes, apoiar a ideia de que a ética do “cuidado de si” pode ser uma resposta à questão apresentada no final de *“As Palavras e as Coisas”*, a saber, a ideia de que o homem é uma invenção recente, com fim próximo. O que esta pesquisa pretende indicar, portanto, é uma compreensão da ética foucaultiana entendida como uma proposta, um empenho, um trabalho que cada homem deve elaborar sobre si mesmo no intuito de desfazer-se de si, remete a algo que já estaria indicado nos primórdios da produção foucaultiana, ainda que em outro contexto e referencial teórico.

O homem não é o mais velho problema nem o mais constante que se tenha colocado ao saber humano(...) Não foi em torno dele e de seus segredos que, por muito tempo, obscuramente, o saber rondou. (...) O homem é uma invenção cuja recente data a arqueologia de nosso pensamento mostra facilmente. E talvez o fim próximo. (FOUCAULT, 2012, p.536.)

Durante toda a década de 70, o autor elaborou uma apresentação da questão da produção de subjetividade inserida no modelo da tecnologia neoliberal, tal como apresentada em livros como *Vigiar e Punir* (1975) e *Nascimento da Biopolítica*, (1978-1979) *Segurança, Território e População* (1977-1978), entre outros, como

um fenômeno característico no século XX. A relação sujeito-verdade que se configura nessa disposição político-econômica constitui-se, fundamentalmente, num modo de segregação, violência e destruição, um mais-além da disciplina e do controle. Esta análise é central à compreensão do pensamento ético na filosofia de Foucault. Partimos da ideia de que os indivíduos se formam na relação com diferentes níveis de técnicas de si, dispersos ao longo de todo corpo social, que afetam diretamente seu modo de ser. A filosofia do “cuidado de si” que Foucault nos apresenta traz à luz novos tipo de interação, formas particulares e diferenciadas de se posicionar face às verdades e os limites de cada tempo.

Em todos os momentos históricos, a forma pela qual as pessoas refletem, falam, avaliam, organizam suas sensibilidades, experienciam suas vidas e definem suas condutas é sempre inserida num determinado regime de compreensão, que varia tanto conforme as sociedades, com seus momentos históricos, quanto conforme as pessoas, com suas histórias e amarras pessoais.

Foucault resgata, a partir de uma série de estudos das “práticas de si” do mundo antigo grego e romano, diferentes procedimentos de conhecimento, novas práticas subjetivas, na busca por diferentes possibilidades de se estabelecer a relação a com a verdade de cada tempo, outras maneiras de se compreender o próprio papel da filosofia. De 1979 a 1984 o autor nos apresenta um verdadeiro legado espiritual como resposta às inquietações que tanto afligiam seus textos sobre teoria política. Neste momento, vemos um novo tom. A articulação que desenvolvemos aqui não é de todo imposta à obra de Foucault. Porém, ainda que ele mesmo jamais tenha formulado tal associação, temos fortes indícios da pertinência dessa possibilidade.

Assim, perguntarmo-nos em que medida a compreensão da experiência da finitude, apresentada com o colapso do ordenamento clássico, pode nos ajudar a compreender a constituição histórica da relação poder-saber que produz o sujeito contemporâneo? Em que medida acompanhar tal constituição histórica nos aponta o início do ocaso de uma experiência que o homem faz de si mesmo? Será que podemos imaginar que, conforme o homem passa a se interrogar e a desenvolver saberes sobre si, percebe que é justamente essa

proliferação aberta, tanto quanto vaga, sua própria condição? E que, talvez, esta percepção possa criar para si a tarefa de fazer a própria vida engrandecer, agravar, no sentido da *arethé*, como os gregos ensinavam? Trata-se, portanto de uma proposta ética de se atribuir uma condição que consiste em fazer de sua própria vida, obra aberta, sem protocolo ou código de conduta.

Em *As palavras e as Coisas*, temos a apresentação da ruptura epistemológica ocorrida entre os séculos XVII e XIX, de modo que podemos compreender como os sujeitos são constituídos historicamente e como tal constituição determina a forma pela qual eles se pensam e se definem em função regimes de verdade que configuram os limites de cada tempo. A partir da construção de uma disposição antropológica dos saberes, o homem se constitui como tal a partir destes saberes e práticas. A finitude se funda ao caracterizar o sujeito como objeto dos saberes sobre si mesmo. Coloca-se, assim, um problema interno a essa natureza do homem, que se aparece em posição ambígua: na experiência dupla que o homem faz de si, ele é condição de possibilidade e resultado de seu próprio processo de conhecimento, abertura e limite. Segundo Foucault, Kant “marcou o solo de nossa modernidade”, iniciador das ciências antropológicas e da redução objetivante do homem, produzindo, assim, essa figura que é uma “dobra de nosso saber” (FOUCAULT, 2007, p.15.)

Trata-se, portanto, de compreender o tipo de fissura que o fim do ordenamento do pensamento clássico inseriu no sistema filológico de compreensão de mundo, instaurando assim, uma nova forma pela qual o homem constitui sua experiência. A partir do momento em que se desfaz a rede que constitui e garante a organização dos seres, o pensamento clássico perde sua força e a experiência que o homem faz de si mesmo se transtorna de forma irreparável.

No que parece ser o auge de sua maturidade filosófica, depois de uma intensa obra dedicada à genealogia do poder e à produção de subjetividades assujeitadas aos mecanismos de produção, em suas mais variadas manifestações, Foucault opera uma reorientação em seus objetos de pesquisa. Ele se volta ao estudo de práticas espirituais na Antiguidade, na busca por novas possibilidades da relação sujeito-verdade, distintas das que herdamos do poder

pastoral e práticas de normatização, advindas das tradições judaico-cristãs, nas quais os sujeitos se formam de modo a obedecer, de forma irrefletida, preguiçosa e imatura, as deliberações daquele que os guie.

Se não há, então, caminho delineado, se não há concepções unitárias ou coesas de sujeito nem de sentido, em qual espaço e em nome de quê cabe ao homem o exercido de se pensar, de se problematizar num mundo no qual é marco positivo uma vida dirigida pelo poder e em nome do poder?

Para compreendermos esta questão em seu sentido e em seu contexto, devemos nos afastar de qualquer interpretação superficial que nos indique um Foucault apocalíptico ou niilista. Ao contrário, o filósofo aponta para o fim de uma *epistême* na qual o homem se concebe, se compreende, se orienta. Como Deleuze elucida:

Trata-se de uma relação de forças com uma forma dominante que é resultante. São as forças do homem imaginar, conceber, desejar... etc.: com quais outras forças eles poderiam entrar em relação a tal época, e para compor qual forma? Pode acontecer de as forças do homem entrarem em uma composição de uma forma não humana, mas animal, ou divina. (DELEUZE, 2003, p.124.)

A partir do século XIX, a tríade dos saberes clássicos, a saber, a Análise das Riquezas, à História Natural, à Gramática Geral, dão lugar à suas novas formas modernas: a Economia Política, a Biologia, a Linguística, respectivamente. Assim, o homem da modernidade (e da contemporaneidade) depois de ter-se perdido de seu ordenamento clássico, determinou-se e objetivou-se neste novo regime de saber.

No coração de todas as positivities dos novos saberes que se abrem ao homem moderno, encontramos a finitude como a modalidade pela qual esse homem se descobre e se produz. Ao mesmo tempo em que ele se proclama a morte de Deus, fazendo dele mesmo o grande legislador da ordem do mundo e do conhecimento, ele deixa de ser senhor de si mesmo, uma vez que descobre seus limites ao se perceber constituído por forças e estruturas que o antecedem.

O curso *Hermenêutica do Sujeito* nos apresenta um Foucault inédito e surpreendente. Contrariamente ao que muitos

comentadores precipitados escreveram, a última fase do trabalho de Foucault nos descreve muito mais do que “uma interminável e torturante série de variações em torno dos temas weberianos do cárcere de ferro e das inutilidades humanas, cujas almas foram moldadas para se adaptar às barras.” (BERMAN, 2007, p. 46). Sim, é verdade que “Foucault nos apresenta um cárcere muito mais constrangedor do que tudo o que Weber sonhou” (BERMAN, 2007, p. 47). Porém, esta apresentação não vem sozinha. O trabalho de Foucault dissemina possibilidades de práticas de liberdade tão múltiplas, variáveis e instáveis quanto as manifestações de poder. É necessário, entretanto, que tenhamos em mente a dimensão agonística desse exercício.

A ideia de um poder que se efetua na interiorização do olhar do cárcere, tese que substitui uma concepção negativa de um poder repressor fundado sobre a proibição, por uma concepção ativa e positiva do poder, na qual compreendemos que o poder induz, cria, facilita, de forma imanente e constante, é de absoluta importância para compreendermos a produção de subjetividade no mundo contemporâneo.

Seguindo os últimos anos de produção filosófica do autor, nos propomos a apresentar uma reflexão sobre a prática de uma ética filosófica que consistiria numa paixão, num exercício incansável de crítica à própria vida e à própria forma de se conduzir e se organizar, na busca pelo limite de desprender-se livre e ativamente de si mesmo, redescobrimo o que é possível ser, fazer, desejar.

Quando se trata do nosso interesse por nós mesmos, a pergunta que devemos ter em mente é a de se só é possível, para nós, vivermos nossa condição de sujeito mediante as avaliações dos saberes do homem? Será que realmente não caberia fazer outra coisa conosco do que nos transformarmos em objeto de saber? Foucault nos apresenta, com Kant, um olhar crítico para ‘o que somos’, perguntando por “como podemos ser outros?”, à despeito de tudo que é feito de nós. É neste contexto que esta pesquisa se propõe a articular esses dois conceitos: a problemática da finitude na obra de Foucault, e a elaboração de uma reflexão sobre um possível “cuidado de si” contemporâneo. A escolha por uma “ontologia do presente” constitui-se, assim, como uma implicação do pensamento em questionar seu

próprio tempo e sua própria circunstancialidade, tema que, tanto em Kant como em Foucault, aparece como um distintivo, do homem que *escolhe* atribui-se autonomia, em relação com cada tempo presente.

A natureza da relação entre a experiência da finitude, entendida como uma ontologia do sujeito, e as práticas político-espirituais que Foucault nos apresenta com o resgate da noção de “cuidado de si”, nos fala de um compromisso consigo mesmo na auto designação de um *ethos*. Um compromisso com este ato que, além de coragem, implica liberdade e, sobretudo, em assumir todos os riscos e arcar com as consequências, sejam elas quais forem. Trata-se menos da proposta de uma intervenção sobre espaços e dispositivos cristalizados e mais sobre o tipo de abertura e de transformação que o sujeito pode operar com relação ao seu próprio modo de ser, pela forma como cada um opta por conduzir sua própria vida, enquanto obra dotada de valor, de audácia, de imponência. Tal modo de vida designa um posicionamento ético, cria novos paradigmas políticos e interfere em redes semânticas cristalizadas.

A analítica da finitude apresentada por Foucault se inspira na reformulação operada por Kant na questão do conhecimento, tal como havia sido proposta por Descartes e que fundamentou toda a formação dos saberes no mundo clássico. O filósofo alemão, como sabemos, opera um novo arranjo da questão da relação entre o sujeito do conhecimento e o sujeito da ação moral. Com o fim do privilégio absoluto da mecânica, da crença numa organização geral da natureza, da possibilidade real de análise e de descoberta de elementos “originários”, enfim. A partir do momento no qual a complexa rede que sustentava uma relação de identidade direta entre representações, ordens, palavras e seres se desfaz, o que temos é o desenvolvimentos dos saberes modernos: os desdobramentos da antropologia em saberes do homem sobre o homem e sobre sua forma de viver e de interpretar.

Graças a esta revolução epistêmica, deu-se o desenvolvimento da formação dos saberes que constituíram o mundo moderno, regido pelo cálculo, pela sistematização e previsibilidade. Outro ponto importante que deve ser colocado, uma vez que permeia toda a obra de Foucault, é que o tipo de relação consigo que surge com os saberes da Modernidade produz um tipo de sujeito muito específico, em grande maioria, regido pela heteronomia e pelo

embrutecimento: trata-se um sujeito que se constitui inserido no regime da normatividade, em seus dispositivos institucionais e materiais. Segundo Foucault, foi Kant quem introduziu no pensamento ocidental a possibilidade de pensarmos nossa relação conosco mesmos, ao colocarmos em questão as formas e os limites do nosso saber. Heidegger, em seu livro sobre Kant, sobre a forma como este último se interroga sobre a contestabilidade do homem, explicita: “Não era a resposta dada à questão da essência do homem que ele buscava: ele buscava, antes de mais nada, perguntar-se por como, na própria instauração do fundamento da metafísica, é possível colocar o homem em questão, e como esta colocação é necessária.” (HEIDEGGER, 2011, p. 27).

O discurso que no século XVII conectava o “Eu penso” ao “Eu sou”, daquele que pensa como essência da *epistème* clássica, constituía o pano de fundo de um pensamento que, para garantir a ordem do mundo, não podia colocar-se a si mesmo em questão. O que nele se articulava e se apresentava ao pensamento era uma relação de reciprocidade entre a representação e o ser. Nesse contexto não há espaço para serem colocadas objeções ao fato de o próprio “*Eu sou*” não ter sido interrogado. De fato, o próprio conceito de natureza humana e maneira como ele funcionava até o século XVIII excluíam mesmo a possibilidade de haver uma ciência do homem, tamanha a estabilidade de seu estatuto.

O ego pensante de Descartes nos fala apenas da existência do *cogitare* (do próprio ato de pensar). Isto significa que o “eu” concreto, em questão, não se deriva do *eu-penso*. O que o *cogito* cartesiano nos apresenta é apenas um “eu” enquanto objeto do pensamento. É com Kant que se apresenta para nós a destruição da unidade do Ser. Com ele se apresenta também a destruição da prova (e da possibilidade de prova) ontológica da existência de Deus e temos o início de um mundo ateizado, no qual o homem passa a ser interpretado, seja nos termos de um “abandono” ou nos termos de uma “autonomia individual”.

É neste contexto se inaugura um sujeito partido, que não mais garante a verdade do mundo e de si a partir de si mesmo. Ao contrário, trata-se de um sujeito que questiona a si próprio em seu

modo de ser e que coloca-se, além da questão do que é o ser humano, a questão pelo que cada um pode e deve fazer de si.

Podemos dizer que, fundamentalmente a partir de Nietzsche, a noção de *interpretação* se torna chave para todo pensamento filosófico subsequente. Foi Nietzsche o primeiro pensador a perceber a violência e a incompatibilidade fundamental entre o dever do vivo e as amarras da linguagem. A concepção de Foucault de conhecimento e de sujeito faz referência a Nietzsche, onde temos a ideia de que o conhecimento é concebido como o resultado de um jogo de forças, do afrontamento, da luta incessante entre afirmações e submissões. Seria justamente nessa luta, na qual forças vitais se chocam, que algo se produz. Algo de novo e de instaurador, que se institui como conhecimento e, assim, expressa uma verdade sobre um sujeito. O conhecimento das formas de saber instituídas resulta de uma convergência de relações de poder. Nas palavras do próprio Foucault: “não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder.” (DELEUZE, 1991, p.48)

Foucault opera no ocaso de um regime de saber e nos indica caminhos absolutamente revolucionários em direção a uma política do espírito que acredita que a grande coisa contra a qual devemos lutar são as amarras que aprisionam nossa subjetividade a uma identidade fixa e politicamente determinada pelos moldes saber-poder em suas diferentes modalidades.

A unidade do Ser, ou a unidade entre Ser e pensamento pressupunha uma reciprocidade fundamental entre essência e existência. Pressupunha que tudo o que é pensável garante, por este dado, sua possibilidade de existência e que tudo o que existe, por ser cognoscível, deve ser racional. Quando Kant rompe com esse modo de pensar baseado numa unidade essencial entre pensamento-existência, provando que em cada proposição em que algo é afirmado sobre a Realidade, o pensamento ultrapassa o dado da própria realidade, ele lança o fim da segurança do homem em seu próprio pensamento, colocando a si mesmo sob suspeita. Em outras palavras, no que concerne ao ser humano ele é, ao mesmo tempo, objeto buscado pelo sujeito e o sujeito que busca seu objeto. Como podemos ver, “a própria instância em torno da qual se opera a “revolução copernicana”

é tomada pelo turbilhão que ela desencadeou. O sujeito em torno do qual se efetua a revolução deveria ele também fazer a sua”. (DELEUZE, 1991, p.117.)

O sentido do “cuidado de si”

Desde a primeira aparição do “cuidado-de-si” até o ascetismo cristão, temos um espaço de aproximadamente mil anos de transformação do conceito. Todas as mudanças ocorridas ao longo desse tempo dizem respeito a transformações nos regimes das relações entre sujeito e verdade. A questão que se coloca é a de articular o “fim do homem”, conforme anunciado nos últimos capítulos de *As Palavras e as Coisas*, a uma ética da criação de novas formas de vida através de novas modulações na relação sujeito-verdade. Não mais uma relação que faz do sujeito objeto dos saberes e de suas avaliações, mas onde ‘verdade’ signifique um projeto e um processo pessoal de transformação contínua na elaboração de um modo de ser criativo e potente.

Como vimos, a filosofia ética de Foucault se constitui a partir de suas pesquisas sobre as práticas de si na cultura greco-romana. A partir do ano de 1979, como vimos, Foucault dedica todos os seus cursos no *College de France* ao mundo antigo, mais especificamente, às práticas espirituais da antiguidade. A noção de “cuidado de si” refere-se a um modo de ser, num tipo de reflexão e de prática que constitui um importante marco não só na história da representação, das noções e teorias, mas também na história das práticas de subjetivação.

Por tais práticas devemos ter em mente a série de técnicas, exercícios, cuidados que cada indivíduo deve aplicar a si para elaborar-se numa vida bela e plena, cuja trajetória, incessante e aberta, deve ser sempre pautada por um *ethos* que cabe a cada sujeito criar para si. Tais estudos ultrapassam o caráter histórico e agregam à ética uma nova dimensão, que Foucault denomina “estética da existência”.

O movimento elaborado por Foucault em direção à Antiguidade não deve ser compreendido simplesmente como um novo tema de estudo; antes, o movimento foi uma busca por diferentes modos de relação sujeito-verdade, que dão novo significado a toda sua

filosofia do poder e fundam um pensamento ético em seu corpus de trabalho. Trata-se de uma pesquisa que visa recuperar as antigas práticas espirituais mas que não deve ser entendido como a proposta de uma solução para a questão do sujeito. Ao invés, o objetivo do autor com este trabalho deve ser entendido como um mote para o *desasujeitamento*, para uma ruptura com o próprio contorno em nome de uma designação outra, para além da moralidade dos costumes e da força do vício e do hábito.

Em 1984, no texto “*A ética do “cuidado de si” como prática da liberdade*”, Foucault define ética como “uma prática refletida da liberdade”¹. Isto significa conceber a liberdade não só como uma questão formal, nem só como referente à efetuação de atos, nem mesmo de intenções ou desejos. Ela é definida pela escolha por um modo de ser próprio, uma independência moral, que renuncia os moldes da produção de subjetividade que nos constitui enquanto sujeitos dos poderes. Como podemos ver: “Sem dúvida, o objetivo principal hoje não é o de descobrir, mas o de recusar quem nós somos.”² Trata-se, portanto, de pensarmos em que medida a reflexão sobre “*o que somos*” corresponde a uma ética da emancipação, do que podemos deixar de ser, em prol de um novo homem e de um novo tempo.

As co-implicações que vemos nos últimos cursos de Foucault entre exercício ético e prática refletida da liberdade apontam para o desenvolvimento de um tipo específico de preocupação consigo mesmo que se reflete numa relação com os outros, numa transformação do comportamento político individual. Foucault nos orienta à compreensão de uma ética entendida como *autopoiesis*, uma auto elaboração feita sob os critérios de “autenticidade e pertinência, em conformidade com a verdade que faz nexos entre o que se pensa e o que se faz”. (CASTELO BRANCO, 2011, p. 35).

O exercício sobre si mesmo deve ser de natureza tal que afirme a possibilidade de contestação no lugar em que um sujeito se auto elabora ao desvencilhar-se das amarras históricas e identitárias.

¹ “*car qu’est-ce que l’ethique, sinon la pratique de la liberté, la pratique réfléchie de la liberté* « (FOUCAULT, 2010, p. 1503)

Esse é o sentido que Foucault atribui ao “cuidado de si”, como vemos com Castelo Branco:

é o trabalho da elaboração de um modo de vida incansavelmente criativo, onde nos fazemos e nos desfazemos sempre que algo nos impulse, a partir de um cuidado de si (que na verdade é um descuidado de si), para um outro movimento de condução da vida. (CASTELO BRANCO, 2011, p.35.)

Trata-se, em última análise, de conceber o homem como matéria inconclusiva, que se forma exercitando-se de maneira própria e audaciosa. Trata-se, em última análise, de um pensamento que se elabora em prol da possibilidade de criação de brechas, de novas elaborações de práticas de vida e pelo desenvolvimento de exercícios espirituais. Exercícios que devem ter, como próprio desdobramento, a insurgência de diferenciações políticas, que introduzem-se e afirmam-se como desorganizações no corpo e no desejo num mundo dominado por normatividade, ordem e classificação.

O que existe de fundamental na Filosofia Antiga para pensarmos novas modulações possíveis ao sujeito contemporâneo é que esta não era compreendida como um sistema e sim como algo que teria a função de compor uma subjetividade, a função de um exercício preparatório para a sabedoria, uma *askesis* espiritual, inserida numa opção por um modo de vida.

Como vemos, as últimas investigações de Foucault foram dedicadas à Filosofia Antiga, desenvolvendo um vasto estudo sobre as diferentes escolas e práticas espirituais na antiguidade que nos apresentam uma outra concepção de filosofia. Filosofia não era somente compreendida como um arcabouço teórico, uma sistematização de teses, ou articulações conceituais. Ela era, por definição, intimamente conectada a diferentes conjuntos de práticas físicas, morais e espirituais, era a parte teórica que fundamentava um modo de vida, justamente, o que os gregos chamavam de *ethos*. Nos últimos cursos de Foucault vemos uma série de pesquisas e reflexões sobre o modo pelo qual os antigos filósofos dedicavam-se a transfigurar as relações que eles tinham com eles mesmos e com a *pólis*. Cada processo ético era executado tendo como horizonte o tipo

de apropriação que tais práticas subjetivas confeririam às existências, o tipo de efeito, que deveria aparecer como uma espécie de distintivo moral, e o tipo de contágio político que tais efeitos deveria criar.

Trata-se de um pensamento ético concebido como a busca pelos cuidados que os indivíduos devem praticar ao longo de toda sua existência de modo a administrar para si uma vida bela, criativa e pessoal. Este é o tema que cativou Michel Foucault no final de sua vida e de sua produção, e onde se apresenta uma verdadeira revolução na forma pela qual devemos compreender seu pensamento sobre a genealogia da relação poder-saber.

O que interessa pensarmos é esta nova imagem de sujeito que Foucault nos indica: um sujeito se empenha justamente em ser capaz de fazer-se e desfazer-se conforme critérios éticos e estéticos em suas relações políticas. O entusiasmo que percebemos lendo suas aulas, seu livros e entrevistas durante esses anos nos indicam a potência dessa influência, a riqueza desse material e o quanto o conteúdo dessas pesquisas constitui uma nova luz sobre todo o pensamento filosófico que o autor elaborou até então. O filósofo é claro: “Eu caracterizaria, portanto, o *ethos* filosófico específico da ontologia crítica de nós mesmos como sendo uma prova histórico-prática dos limites que devemos ultrapassar, logo o trabalho de nós mesmos sobre nós mesmos, enquanto seres livres.” (FOUCAULT, 1994, p.575).

Através de diferentes referências, nas diferentes filosofias, e nas diferentes práticas filosóficas e espirituais, vemos um enorme espectro de expressões do “cuidado-de-si”. Todas, porém, uníssonas no que concerne ao foco do sujeito no sujeito. Todas têm como princípio geral que cada um se dedique a si, que cada um trabalhe sobre si, de forma a propor-se um desafio: uma insubordinação moral, um desejo por criar uma forma ética própria, um tipo de vida que cada um considere para si, bela. Nesse ponto, Foucault fala de ‘vida artista’ notando para a diferença da uma vida artística³. A “estética da existência” surge, assim, como a criação de formas de vida não

³ Expressão criada por Foucault para marcar o distanciamento da “vida artística”, entendida como a biografia da produção de um artista profissional. Ver CASTELO BRANCO: Anti-individualismo e vida artista.

assujeitadas, que se produzem num constante devir que as afirma enquanto marco distintivo, enquanto um estilo, um modo particular de se relacionar com a verdade de cada tempo.

O que Foucault nos apresenta como “vida artista” refere-se ao empenho dos homens, independente do contexto profissional, em fazer de suas vidas experiências inovadoras, intensas e criativas para com isso inspirarem e alterarem seu contexto moral, contrapondo-se e afetando as formas de vida dominantes e os jogos de verdade de cada tempo. Somente quem é capaz de arriscar-se a viver e pensar de outro modo é capaz de criar, na própria vida, um *ethos* que se manifesta como distintivo de crítica do presente.

O sujeito do cuidado de si, se considerado à partir de uma perspectiva moderna, à partir da influência de Kant no pensamento de Foucault, pode ser compreendido como um criador, um potencializador de uma nova modalidade de estetização da própria vida, designando para si, novas possibilidades éticas e políticas, para fora das estruturas de dominação. Podemos imaginar tal ideia como uma constante no pensamento de Foucault, ainda que tenha tomado diferentes formas desde a fase arqueológica dos anos 1960 até o “último Foucault” dos anos 80. Quem sabe não é esse o trabalho que temos pela frente: Um exercício de perspectiva, de transformação e de ultrapassagem de uma condição de sujeito determinado e finito, para um sujeito do cuidado de si que é capaz de recriar-se e auto educar-se, em novos desafios e novos desejos, ao longo de sua vida?

Referências bibliográficas

BERMAN, Marshall. – *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. Trad. C. F. Moisés, A. M. L. Ioratti e M. Macca. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

CASTELO BRANCO, Guilherme. – *Atitude limite e relações de poder: uma interpretação sobre o estatuto da liberdade em Michel Foucault em Verve*. n. 13, São Paulo: Nu-SOL/ PUC-SP, 2011.

DELEUZE, Gilles. – *Foucault*. Trad. C. S. Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

FOUCAULT, Michel. – *As palavras e as coisas*, Trad. S. T. Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. – *Dits et écrits II*. Paris: Gallimard, 2001.

HEIDEGGER, Martin: *Kant et el problème de la métaphisique*. Trad. A. de Waelhens e W. Biemel. Paris: Gallimard, 2011.

